



RELISE

ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS ASPECTOS GERAIS QUE OS NORTEIAM¹

*ENTREPRENEURIAL ECOSYSTEMS: A DISCUSSION ABOUT THE
GENERAL ASPECTS THAT GUIDE THEM*

Felipe Leal Alves Ferreira²

Jefferson Alberto Prestes³

RESUMO

A partir da Biologia, por meio de uma metáfora com o termo “ecossistema”, os estudos modernos sobre empreendedorismo vêm se debruçando sobre os chamados “ecossistemas empreendedores”. Ainda sem um consenso na literatura que os defina, este ensaio propõe uma discussão em torno dos aspectos gerais que têm norteado a formação destes ecossistemas, baseada em uma breve revisão bibliográfica. Observou-se que fundamentalmente um ecossistema empreendedor necessita de atores que interajam entre si em eventos de ações não lineares, num processo contínuo de construção e desconstrução, que propicia a redução da incerteza ao estabelecer relações de cooperação. Atores como, empreendedores, organizações públicas e privadas, instituições de ensino, trabalhadores e redes de contato disputam, interagem e propiciam a otimização de recursos financeiros, humanos e tecnológicos, lembrando as mesmas relações que ocorrem num ecossistema biológico.

Palavras-chave: ecossistemas empreendedores, empreendedorismo, políticas públicas.

ABSTRACT

From Biology, through a metaphor with the term "ecosystem", modern studies on entrepreneurship have been focusing on the so-called "entrepreneurial ecosystems". Still without a consensus in the literature that defines them, this essay proposes a discussion about the general aspects that have guided the formation of these ecosystems, based on a brief literature review. It was

¹ Recebido em 06/09/2022. Aprovado em 12/04/2023. doi.org/ 10.5281/zenodo.8196965

² Universidade Federal do Paraná. felipeleal1208@gmail.com

³ Universidade Federal do Paraná. japrestes@inmetro.gov.br



RELISE

12

observed that fundamentally an entrepreneurial ecosystem needs actors who interact with each other in events of nonlinear actions, in a continuous process of construction and deconstruction, which leads to the reduction of uncertainty when establishing cooperative relationships. Actors such as entrepreneurs, public and private organizations, educational institutions, workers and contact networks compete, interact and provide the optimization of financial, human and technological resources, remembering the same relationships that occur in a biological ecosystem.

Keywords: entrepreneurial ecosystems, entrepreneurship, public policies.

INTRODUÇÃO

Se refletirmos sobre ciência, assim, sem demora, pode vir à mente a polêmica das vacinas para a COVID19 frente aos debates sobre sua eficácia diante da pandemia global. Por outro lado, se formos refletir com calma, outras situações poderiam vir à mente, como a ciência envolvida em todas as pesquisas já realizadas e registradas na plataforma Lattes, principal banco de dados dos currículos dos pesquisadores brasileiros. César Lattes, físico paranaense que deu nome a plataforma, afirmou: “a ciência deve ser universal, sem dúvida. Porém, nós não devemos acreditar incondicionalmente nisto” (LATTES, 1987).

Com o empreendedorismo ocorre o mesmo. Num estalo, pode ser considerado como abrir qualquer tipo de empresa, ser microempreendedor individual ou ser idealizador de uma ideia futurista que envolva um mercado sem fronteiras. Porém, numa reflexão mais atenta, considera-se o que significa empreender, suas diferenças com administrar, os tipos de empreendimento e de empreendedorismo existentes e possíveis. Ou seja, um conceito tão amplo e popularmente utilizado em quaisquer contextos que passa a ser genérico, servindo para tudo, universal. Talvez o mesmo universal como disse Lattes sobre ciência e que, aqui, também devemos não acreditar nessas generalizações sobre empreendedorismo incondicionalmente.



RELISE

Agora, some-se a isso a ideia de um ecossistema empreendedor e a coisa toda pode tomar outras proporções, ainda mais se for confundida com o ecossistema das ciências naturais ou mesmo com os conceitos de arranjos produtivos locais, *clusters* e ecossistemas de inovação. Isso sem falar na importância do empreender no desenvolvimento econômico local, impactando ações (ou inações) governamentais e em suas políticas públicas regionais.

Mas o que ciência, empreendedorismo e ecossistemas empreendedores têm a ver entre si? Bem, dentre os próprios pesquisadores, que representam essa ciência, pairam dúvidas sobre esses ecossistemas, suas definições, características, atributos, modelos e questões metodológicas de como medir seus resultados na sociedade. Ou até mesmo se eles existem ou não; e se não existem, de que estamos tratando, então? E se existem, como são? Com isso, nessa linha, o objetivo desse ensaio é trazer alguns conceitos e características atribuídas a esses ecossistemas empreendedores, fazendo uma breve discussão dos aspectos mais gerais que norteiam esse campo em foco.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está dividido entre as seções: ecossistemas empreendedores e ecossistemas empreendedores e políticas públicas.

Ecossistemas empreendedores

Formas de incentivo ao empreendedorismo têm sido tema frequente em discussões sobre política e economia. O termo, que usa como metáfora os conceitos de biologia (no caso dos ecossistemas empreendedores) tem sido amplamente empregado na tentativa de sintetizar iniciativas de fomento ao empreendedorismo e desenvolvimento regional. Ao se tentar ser autoexplicativo onde, como no ciclo biológico os seus componentes



RELISE

permanecem em perfeito equilíbrio, são interdependentes e altamente influenciados pelo meio, os ecossistemas empreendedores podem ser organizados e construídos de modo a suprir uma necessidade premente por inovação e desenvolvimento tecnológico das sociedades modernas. Ao mesmo tempo, os chamados unicórnios, empresas emergentes (*startups*) com valor de mais de um bilhão de dólares têm sido consideradas como um referencial de ecossistemas empreendedores de sucesso, se encontrarmos várias *startups* de bilhões de dólares ancoradas em uma cidade, podemos inferir que ela tem um ecossistema empreendedor que funciona bem (ACS, STAM, AUDRETSCH E O'CONNOR, 2017).

Primeiramente é de suma importância termos de forma clara a definição de um ecossistema, como uma comunidade de vida, suas interações, num ambiente de seres vivos e não vivos (ACS, STAM, AUDRETSCH E O'CONNOR 2017), e, por extensão, sendo que, da mesma forma como na área biológica, definições podem divergir de acordo com o autor. Então, um ecossistema empreendedor também pode ser definido de maneiras muito diferentes, em diferentes escalas e com diferentes pesquisas (MALECKI, 2017). Acs, Stam, Audretsch e O'connor (2017) dizem que tanto as empresas quanto os governos adotaram os ecossistemas como um conceito para melhorar os contextos de empreendedorismo e inovação e que embora atraente, este conceito é problemático, e a pressa em empregá-lo está à frente de responder a várias questões conceituais, teóricas e empíricas.

Essas questões são fundamentais para que num processo de formulação de políticas públicas voltadas ao empreendedorismo haja a clara noção da dificuldade em conciliar todos os interesses e necessidades de todos os elementos envolvidos, que são criados para facilitar o surgimento do empreendedorismo em uma área e que podem dificultar o desenvolvimento subsequente em outras áreas (STAN, VAN DEN VEM, 2019). Na definição de



RELISE

um conceito é de suma importância a noção de que ecossistemas empreendedores têm semelhanças com distritos industriais, *clusters* e sistemas de inovação (MALECKI, 2017). De acordo com Acs, Stam, Audretsch e O'Connor (2017), a abordagem do ecossistema empreendedor tem duas linhagens dominantes: a literatura de estratégia, com foco em como a estrutura da indústria leva a um comportamento e desempenho específicos da empresa e a literatura de desenvolvimento regional que tenta explicar o desempenho socioeconômico diferencial das regiões, onde ambas as abordagens compartilham raízes comuns no pensamento de sistemas ecológicos e concentram-se na interdependência de atores em uma determinada comunidade para criar novos valores.

Para Brown e Mason (2017), a ideia de ecossistemas empreendedores é nova, contudo sem limites e especificações claramente definidas, até por se tratar de um fenômeno diverso e de perspectivas múltiplas. Para os mesmos autores, neles são enfatizadas as interações entre seus participantes que, juntos, atuam em sinergia, suas relações e redes, sendo, cada ecossistema, único com suas especificidades e, concomitantemente, todos com certas semelhanças. Compreende um conjunto de atores e fatores interdependentes que são regidos de tal forma que possibilitam o empreendedorismo produtivo (STAM, 2015). Com ecossistemas empreendedores, busca-se criar e desenvolver ambientes propícios ao empreendedorismo inovativo, combinando atributos materiais, sociais e culturais para sua existência (SPIGEL, 2017).

Já Cohen (2006), considerando os ecossistemas como um conjunto diverso de atores interdependentes numa área geográfica a fim de criar valores social, ambiental e econômico por meio de novos empreendimentos, coloca como sendo seus componentes as redes de contato formal e informal, universidades, governos, profissionais de serviço de suporte, serviços de capital e recursos humanos disponíveis. Mais do que um ambiente propício



RELISE

16

para abertura de negócios, o autor defende que os ecossistemas empreendedores servem para alavancar a infraestrutura dos negócios locais.

Para Van De Ven (1993), essa infraestrutura é composta por três partes: funções proprietárias, dotações de recursos e arranjos institucionais. Van De Ven (1993) diz que nas funções proprietárias são incluídas questões como desenvolvimento da tecnologia, pesquisa e desenvolvimento, rede de inovação, canais de distribuição, mercados e demanda do consumidor; a parte de dotação de recursos diz respeito a pesquisas científicas e tecnológicas, mecanismos de financiamentos e conjunto de recursos humanos competentes; e, por fim, os arranjos institucionais envolvem pontos como legitimação, governança (leis, normas, regulações), padrões tecnológicos. Ainda segundo Van De Ven (1993), há um sistema social envolvendo as ações empreendedoras por se tratar de uma conquista coletiva que envolve muitas pessoas ou organizações na realização do empreendimento.

Para a criação dos ecossistemas empreendedores, Isenberg (2010) propõe prescrições, afirmando que eles abrangem um conjunto de elementos que se combinam para alavancar o crescimento regional. Algumas dessas prescrições envolvem observar as condições atuais locais para saber que recursos estão disponíveis, envolver setores público e privado e trabalhar a perspectiva cultural local em prol do empreendedorismo. Inclusive, Isenberg (2010) também afirma que para um ecossistema forte, são necessários alguns componentes-chave, tais como liderança, governo, cultura, fontes de capital, instituições de ensino, infraestrutura, grupos de redes formais e informais, profissionais, clientes e conhecimento para o que se pretende empreender.

Então, com o que foi exposto, pode-se perceber que pontos em comum são explanados por diferentes estudiosos no que tange aos ecossistemas empreendedores. Dentro desse contexto, atores interagem entre si em eventos de ações não lineares, num processo contínuo de construção e desconstrução.



RELISE

Essas interações, nos ecossistemas, podem reduzir a incerteza ao empreender ao estabelecer relações de cooperação já que nenhum ator do ecossistema pode possuir todos os recursos necessários para desenvolver inovações. Além disso, liderança, organizações públicas e privadas, instituições de ensino, redes de contato, recursos de ordens diversas (financeiros, conhecimento, mão de obra, tecnologia), bem como questões de ordem cultural e os próprios atributos inerentes a empresas, como clientes, fornecedores, mercado, de certa forma no conjunto se cooperam dentro da competição dentre os empreendimentos.

Ecossistemas empreendedores e políticas públicas

Já é de senso comum que vivemos num mundo repleto de organizações, desde nosso nascimento, até a data da nossa morte. Este mesmo mundo é formado de uma miríade de políticas públicas, estando presentes ou mesmo ausentes na sociedade em que se inserem. Ou como colocado por Dye (2013, p. 3), quando afirmou que “política pública é qualquer coisa que os governos escolhem fazer ou não fazer”. Ainda segundo o mesmo pesquisador, em se tratando da análise dessas políticas públicas, questões como “analisar o que o governo faz, por que ele faz e que diferença isso faz – e se faz” (Dye, 2013, p. 3) se tornam prementes nos estudos e fenômenos estudados na academia. E para formar essa ‘coisa’ citada pelo autor, pode-se dizer que uma série de fatores podem se mesclar para a existência ou ausência de uma política, tais como:

a) Atores e agentes envolvidos – autoridades político-administrativas que desenvolvem e implementam as políticas, os grupos-alvo capazes de resolver o problema da política e os beneficiários finais que vivem o problema cuja resolução depende da política (KNOEPFEL, 2007, p. 57);



RELISE

b) Recursos de poder disponíveis – tais como leis, dinheiro, informação, organização, tempo, infraestrutura, pessoal (KNOEPFEL, 2007, p. 65);

c) Instituições - influenciando os resultados sociais, os atores, a disponibilização de recursos de poder, identidades, estruturas e modelos existentes, meios de controles, minimização de riscos e as estratégias adotadas nas políticas (HALL e TAYLOR, 2003, p. 193 a 222).

Hall e Hill (1993, p. 34) afirmam que as políticas afetam as sociedades, as economias e vice-versa, devendo, portanto, dar-se atenção aos contextos em que estão inseridas. Hill (2005, p. 7) ao estudar o processo da política, defende que ela é de difícil trato quando tentamos vê-la como um fenômeno concreto e muito específico, devido a sua variedade de conceitos existentes, mas que envolve todo um conjunto de ações e decisões.

Ao mesmo tempo, considerando Oliveira (1999), que afirma a existência de uma realidade em tentar-se desmoralizar a coisa pública, suas funções, ações, profissionais e organizações, como sendo inimigas da sociedade, ao tratar que a “privatização do público é uma falsa consciência de desnecessidade do público” (OLIVEIRA, 1999, p. 68), o que se coaduna com os estudos de Stiglitz (2016), ao defender que são necessários mais investimentos no que é público, fato que o autor chamou de ‘*better corporate governance*’ (STIGLITZ, 2016, p.149). Além disso, Carvalho (2015) ao afirmar que as instituições são parte fundamental quando se trata de política, também corrobora a importância de lançar luz ao Estado enquanto representado por seus governos e suas instituições, na prestação de serviços aos cidadãos frente a um mundo complexo, no qual a interface entre sociedade e organizações sofre transformações de diversas naturezas, sejam sociais, jurídicas, econômicas, etc.



RELISE

19

Assim, o incentivo de governos, por meio de políticas públicas de fomento ao empreendedorismo e, até mais, de propulsão a desenvolvimento de ecossistemas empreendedores pode se revelar como um fator de estímulo ao desenvolvimento local. Além de ambos - as políticas e os ecossistemas - terem atributos semelhantes em suas definições (atores envolvidos, instituições diversas relacionadas entre si, recursos de poder desigualmente distribuídos, estratégias definidas para atingir um objetivo, os dois se mesclam e definem características de uma região em relação à forma de desenvolvimento existente, seja em critérios econômicos (lucro, financeirização), sociais (desigualdades), ambientais (sustentabilidade ambiental) e institucionais (efetividade das organizações locais).

Contudo, para isso, os agentes políticos e os detentores de poder precisam compreender, de fato, o caráter inovativo inerente a empreender, a responsabilidade desse empreendedor em perpassar o objetivo de conseguir lucro num viés econômico para difundir benefícios de outras naturezas à sociedade. De igual forma, entender a importância das instituições locais, desde as públicas até empresas privadas de renome que interfiram no desenvolvimento local. Mais do que isso: a ligação entre seus governos, o mercado e as instituições de ensino estabelecidas no ambiente, de modo que haja uma rede de relações em prol do ecossistema e, com isso, da cidade, estado ou país. E ainda, olhar atentamente para questões como os aspectos culturais da população, recursos naturais existentes, flexibilização controlada dos incentivos financeiros, fiscais e tributários possíveis para empreendimentos e aprimoramento da infraestrutura existente e a necessária para alavancar o ecossistema empreendedor e, com isso, sua própria gestão política local.



RELISE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição de conceitos, atributos, características e componentes dos ecossistemas empreendedores provenientes de diversos autores para fins de discussão de aspectos gerais que norteiam a temática, muitas perguntas permanecem sem resposta. Por exemplo, os ecossistemas empreendedores existem realmente ou se trata de um modismo acadêmico? Podem nascer de um ponto em específico (como na formulação e implementação de uma política pública) ou vão se desenvolvendo sem haver um ponto e origem especificamente delineado? Que agentes (atores) podem ser imprescindíveis num ecossistema e dispensáveis em outros? Há fronteiras em torno dos ecossistemas e, se houver, quais? Qual o papel da cultura local e das instituições no crescimento de um ecossistema? A geografia é local ou sem limite devido ao mundo virtual?

Para os autores deste ensaio, os ecossistemas existem, contudo, sem ainda terem uma compleição definida e reconhecida por todos que deles fazem parte. Ou então, são confundidos, na penumbra da ignorância do senso comum e até da academia, com outros fenômenos similares, como ecossistemas de inovação, clusters, arranjos produtivos, desenvolvimento econômico. De qualquer forma, é campo vasto e promissor no sentido de busca por mais perguntas e muitas respostas para alimentar e dar forma e vida mais reconhecida a essa criatura em estudo. Isso, para que tentemos ir conseguindo mais conhecimentos teórico-empíricos que embasem a área, entremeios as divergências, complementaridades e igualdades de perspectivas e teorizações.

E assim, no intento (utópico, talvez) de ir galgando a tal universalidade da ciência citada por César Lattes, mesmo que, segundo ele próprio, não devamos acreditar incondicionalmente nessa possibilidade, seguem os conceitos teóricos dos ecossistemas empreendedores que, sem uma definição



RELISE

21

que possa ser considerada um consenso, possa ser colocado em prática sem um mínimo de desconfiança.

REFERÊNCIAS

ACS, Z. J. STAM E., AUDRETSCH, D.B., O'CONNOR, A. The Lineages of Entrepreneurial Ecosystem Approach. **Small Business Economics**, 49, 2017. DOI 10.1007/s11187-017-9864-8

BROWN, R. MASON, C. Looking inside the spiky bits: a critical review and conceptualisation of entrepreneurial ecosystem. **Small Business Economics**, 49, 2017, 11-30.

COHEN, B. Sustainable valley entrepreneurial ecosystems. **Business Strategy and the Environment**, v. 15, n. 1, p. 1–14, 2006.

DYE, Thomas R. **Understanding Public Policy**. 14ª edição. England: ed. Harlow, 2013.

HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary C. R. As três versões do Neo-Institucionalismo. **Lua Nova**, n. 58, p. 193 a 222, 2003.

HILL, Michael. Studying the policy process. In: **The Public Policy Process**. 4ª edição. England: Pearson, p. 3 a 22, 2005.

ISENBERG, D. J. How to start an entrepreneurial Revolution. **Harvard Business Review**, 88, p. 41-49, 2010.

KNOEPFEL, Peter et al. Policy Actors and Policy Resources. In: **Public Policy Analysis**. Great Britain: Bristol, p. 39 a 89, 2007.

LATTES, 1987. Citacoes.in. Citações e Frases famosas. Disponível em <https://citacoes.in/citacoes/118268-cesar-lattes-a-ciencia-deve-ser-universal-sem-duvida-porem-n/> - entrevista a Eustáquio Gomes e Graça Caldas, para a edição de outubro de 1987 do Jornal da Unicamp. Acesso em 27 de julho de 2022.

MALECKI, E. J. Entrepreneurship and entrepreneurial ecosystems. **Geography Compass**. 2018



RELISE

22

OLIVEIRA, Francisco. Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal. In: OLIVEIRA, Francisco; PAOLI, Maria Célia (Org.) **/Os sentidos da democracia. Políticas do dissenso e hegemonia global/**. São Paulo: Vozes, NEDIC/FAPESP, 1999. p. 55-82.

SPIGEL, Ben. The relational organization of entrepreneurial ecosystems. **Entrepreneurship Theory and Practice**. January, 2017.

STAM, Erik; VAN DE VEN, Andrew Entrepreneurial ecosystem elements. **Small Business Economics**, v. 56, n. 2, p. 809-832, 2021.

STIGLITZ, Joseph. 'Inequality and Economic Growth'. **The Political Quarterly**, Volume 86, Issue S1, pp.134-155, 2016.

VAN DE VEN, A. The development of an infrastructure for entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**, v. 8, n. 3, p. 211-230, 1993.